

A periferia como centro: a fronteira austral do império espanhol no Setecentos

Maria Cristina Bohn Martins

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Recebido em: 01 Ago. 2023

Aprovado em: 09 Nov. 2023

Publicado em: 16 Maio 2024

Resumo

Este artigo reflete sobre a implementação pela monarquia espanhola em seus territórios ultramarinos, de medidas alinhadas ao chamado “reformismo borbônico”. Tomando como foco de análise a Governança do Rio da Prata, região periférica quanto aos centros coloniais mais dinâmicos, mas que adquiriu um novo protagonismo no tardo colonial, discutiremos especialmente o tema do reconhecimento e defesa do território, relacionando-o à chamada “missão austral” dos padres da Companhia de Jesus. A partir da revisão da literatura e da análise de fontes, de arquivo e editadas, discutiremos, a partir de um caso específico, a Expedición de la Fragata San Antónío, a relação entre os interesses e necessidades dos agentes e situações locais, com os dos jesuítas e da Coroa. Os preparativos da expedição transcorrida entre dezembro de 1745 e abril de 1746 foram registrados em diversos documentos das autoridades da metrópole e da província, cujas cópias, a partir do Arquivo de Índias, podem ser encontradas no Museo Etnografico Juan Maria Ambrosetti da Universidade de Buenos Aires. Já os dados da expedição e seus resultados, estão presentes nos diários de Olivares y Centeno (1746), Comandante do navio, do Piloto Mayor, Andia y Varela (1746), do padre José Quiroga (1746), além de um Diário Anônimo que foi atribuído a Jose Cardiel SJ (1746), e de uma compilação feita por Pedro Lozano dos textos de seus colegas de Ordem, publicada em 1836.

Palavras-chave: Fronteira Austral. Rio da Prata. Reformas Bourbonicas. Jesuítas.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Código de Financiamento 001.

* Professora Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Escola de Humanidades. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Mestre e graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsita de Produtividade do CNPq, nível 2. E-mail: mcris@unisinos.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7835-9062>

 <http://lattes.cnpq.br/5651326902924392>

The periphery as center: the southern border of the 18th century Spanish Empire

Maria Cristina Bohn Martins

University of Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brazil

Received: 1st Aug 2023

Approved: 9st Nov. 2023

Approved: 16st May 2024

Abstract

This article purpose a reflection about the implementation of measures aligned to the “Bourbon Reforms”, by the Spanish monarchy in their ultramarine territories. The matter of recognition and territory defense will be analyzed, relating it to the “austral mission” of the Society of Jesus priests. The analysis will be targeting the Governorate of Río de la Plata, which was a peripheral region regarding the most dynamic colonial centers. That later gained a new significance on the colonialism. From the review of the literature and the analysis of sources, we will discuss, from a specific case, the possible connection with interests and needs between the representatives and local situation from a specific event, the Expedición de la Fragata San Antónío. The expedition arrangements that took place from December 1745 and April 1746 was recorded in several documents from authorities from the Crown and the Government of Buenos Aires. The copies of those documents from the Archivo de Indias can be found at the University of Buenos Aires, “Juan B. Ambrosetti Museum of Ethnography”. Expedition data and its results can be found on the ship’s captain Olivares y Centeno’s diaries (1746), pilot major Andia y Varela (1746), Father José Quiroga (1746), as well as an anonymous diary assigned to Jose Cardiel SJ (1746), and a compilation of texts by Pedro Lozano from his Order colleagues, published in 1836.

Keywords: Southern border. Río de la Plata. Bourbon Reforms. Jesuits.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brazil (CNPq) – Finance Code 001.

* Professor at the University of Vale do Rio dos Sinos, School of Humanities. PhD in History from the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul; MA and BA in History from the University of Vale do Rio dos Sinos. CNPq Productivity Scholarship, level 2. Email: mcris@unisinos.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7835-9062>

 <http://lattes.cnpq.br/5651326902924392>

Emprendimos al fin del año de 1746 el viage por mar a las costas de Magallanes para conbertir à nuestra Sta Fé los infieles comarcas al Estrecho, y por otros fines del bien publico que tambien el Rey pretendía. (José Cardiel, 1747).

A história da Companhia de Jesus e suas missões no Novo Mundo tem sido estudada sob muitos ângulos. Mais recentemente é possível observar o deslocamento de uma história institucional para uma história das “prácticas y la espiritualidad, de la evangelización como acción exclusivamente religiosa emprendida de manera unilateral por misioneros voluntariosos, a la conversión como proceso complejo (de orden cultural y político) en el que intervinieron activamente diversos actores de la sociedad colonial” (Wilde, 2016, p. 8-9). Em sentido similar, Carlos Zeron referiu-se a um “processo de desenclausuramento” da história das Ordens religiosas, como um procedimento metodológico que tem conduzido os historiadores a “retirá-la de seus claustros” e ampliar o campo da investigação a seu respeito “por meio da descrição e da análise dos processos de conexões e transferências político-culturais e econômicas às quais elas se entregavam” (Zeron, 2018, p. 9).

Assim também, é possível verificar que, tanto quanto agentes da criação de novos súditos através da evangelização, os jesuítas atuaram em processos ainda mais abrangentes, como, no século XVIII, a integração de “zonas periféricas” das colônias à ordem política do Império e à ordem universal da ciência, tema de interesse deste trabalho (Del Valle, 2009, p. 9). Como pretendemos evidenciar, a partir da abertura de uma nova frente missionária na quarta década do século XVIII, dirigida a áreas pouco conhecidas ao sul de Buenos Aires, os jesuítas participaram de iniciativas para seu reconhecimento e defesa quanto à temidas ações inglesas na região, em sintonia com o interesse das autoridades locais e da monarquia espanhola sob os Bourbon.

O argumento que desenvolvemos abaixo dirige-se a analisar em que medida, considerando-se a política regalista dos ilustrados,¹ os interesses dos agentes locais (em especial os governadores,² os membros do cabildo³ e os jesuítas) estiveram, neste caso

1 Segundo David Weber (2007, p. 164), os ministros ilustrados da monarquia espanhola não adotaram o anticatolicismo típico dos “*philosophes*”, embora tenham compartilhado com eles o anticlericalismo.

2 Relativamente ao específico período de interesse deste artigo, governaram a Provincia del Río de Plata, com sede em Buenos Aires, Miguel de Salcedo (1734-1742), Domingo Ortiz de Rozas (1742-1745) e José de Andonaegui (1745-1756).

3 Os cabildos eram instituições que ao modo de suas congêneres peninsulares, tinham a incumbência de exercer o governo local através do cumprimento de funções administrativas. Seus membros não legislavam, mas executavam as leis formuladas pelo Rei com assistência do Conselho de Índias, em Madrid. Em geral, os cargos do cabildo foram ocupados por membros das famílias mais importantes de cada localidade, principalmente pela possibilidade de compra dos títulos que davam direito ao cumprimento desses ofícios.

específico, coadunados com os das autoridades metropolitanas.

Os estudos sobre o império espanhol do século XVIII conferem grande importância ao tema das reformas levadas a efeito pela dinastia borbônica, considerando-as como um indicador de seu desejo de ampliar a autoridade monárquica e estabelecer um governo absoluto.⁴ Sobre a sua motivação, discute-se o quanto elas foram impulsionadas por um novo espírito de racionalidade ou o resultado da capacidade do Estado de impor políticas com base negociação e participação das elites locais nas colônias, argumento que está subjacente ao que propomos nesta reflexão. Isto é, que na conjuntura estabelecida nos anos centrais do Setecentos, houve uma confluência circunstancial entre interesses locais e das autoridades de Madrid, favorecendo a ação proselitista dos jesuítas de Buenos na chamada “missão austral”, Isto apesar de que, em boa medida, os reformadores acreditassem que “las mercancías quizá fueran un mejor modo de ganarse la lealtad de los nativos que las promesas de salvación” (Weber, 2007, p. 24).

A fronteira austral do império espanhol no Setecentos: índios insubmissos e espaços incógnitos

Em meados do Setecentos, dois séculos após os eventos que a historiografia convencionalmente denominou de Conquista espanhola da América, grandes áreas das Índias de Castela eram controladas por populações insubmissas, em especial aquelas consideradas, até então, de menor importância econômica. Estes eram espaços pouco ou nada dominados pelos colonizadores, com fronteiras interiores permeáveis que geravam realidades heterogêneas.

los indios que em siglo XVIII continuaban siendo independientes a menudo controlaban las tierras de menor valor económico, algunas de las cuales eran territorios montañosos accidentados y muchas de ellas secanos y bosques tropicales, lo que incluye el actual suroeste estadounidense y el norte de México, las tierras bajas de Centroamérica, las cuencas del Amazonas y Amazonas y del Orinoco, el Gran Chaco, la pampa, la Patagonia, y Tierra del

4 Allan Kuethe e Kennet Andrien (2014), analisando o “atlântico espanhol” no século XVIII, participam deste debate destacando a necessidade de compreender o clima de guerra constante entre Estados europeus que partilhavam o espaço atlântico, ao avaliarmos a motivação das reformas. De acordo com eles, a análise da construção do império espanhol do século XVIII deve levar em conta a relação entre as guerras e as reformas políticas então planejadas ou empreendidas. Apontam, também, a importância de considerar-se a “lógica da circunstância histórica”, ou seja, as circunstâncias, sempre em fluxo, de cada estado e território colonial. Desta maneira, as reformas políticas, estariam em constante diálogo com uma dupla realidade: elas se desdobram em um espaço atlântico em constante conflito e, também, segundo conjunturas específicas, ponto em que nossa reflexão encontra amparo nas ideias dos autores.

Fuego.

[...] la ausencia de oro, plata u otros recursos valiosos que pudieran explotarse con facilidad disuadió a los españoles de tomar el control de ciertas zonas al igual que lo hicieron las dificultades del entorno físico (Weber, 2007, p. 33-34)

Aparentemente, os benefícios de estender a conquista territorial para além das áreas que apresentavam atrativos econômicos pareciam não valer o esforço, especialmente quando considerados os custos e dificuldades envolvidas no controle de populações caracterizadas pela segmentação política e ampla mobilidade. Como vice-rei do Peru, José Antonio Manso de Velasco y Sánchez de Samaniego,⁵ manifestou-se sobre este tema afirmando que:

los países no conquistados son unas selvas y montañas de difícil tránsito y los llanos muy húmedos, cenagosos y ardientes, por lo que no pueden mantenerse los españoles [...].

Las naciones que allí habitan son bárbaras. No cuidan de cubrir su desnudez y sus casas son tan pobres que nada pierden aunque se las quiten [...] Reducirlos por armas se ha tenido siempre por imposible, respecto de que con mudarse de un lugar a otro (*apud* Weber, 2007, p. 33).

Entretanto, esta política será revista ao longo do século XVIII, quando as “fronteiras”⁶ receberam uma revigorada atenção da nova administração introduzida pela monarquia borbônica. Sabemos que importantes questões - entre si relacionadas - estiveram na base desta reorientação, dizendo respeito ao reconhecimento das potencialidades econômicas de algumas áreas e à sua defesa, assim como “a una compulsión de los discursos científicos especialmente por incorporar información de regiones todavía poco exploradas y conocidas” (Del Valle, 2009, p. 10).

Os jesuítas tiveram um papel importante na condução de explorações geográficas e na produção de textos e mapas que registraram tais iniciativas. Desde a chegada dos primeiros religiosos da Companhia à América portuguesa (1549), até sua expulsão dos territórios

5 Conde de Superunda, foi Governador do Reino de Chile entre os anos de 1737 e 1744 para, depois, entre 1745 e 1761, assumir a posição de Vice-rei do Peru.

6 É importante lembrar que, a partir de Buenos Aires e em direção ao interior, abria-se uma fronteira que era, na verdade uma linha móvel, flutuante e permeável, ainda que relativamente definida, entre os territórios indígenas e aqueles sob jurisdição das autoridades coloniais. Como sabemos, este tema é especialmente caro à historiografia argentina, envolvendo, contudo, discussões que fogem ao escopo deste trabalho. Registramos aqui apenas, que as considerações contemporâneas sobre tal questão superaram a compreensão de “fronteiras naturais” ou de “limites”. Muito sugestivo e de forte capacidade heurística são os conceitos de “zona de contato” de Mary Louise Pratt (1999), e “geografia extrema” de Ivonne del Valle (2007). Sugerimos, também, a leitura de Maria Cristina Bohn Martins (2012; 2018).

espanhóis (1767), eles palmilharam quase todo o continente, explorando florestas, montanhas, rios, geleiras e desertos; mapearam amplos territórios; descreveram suas populações, relevo, flora e fauna e, muitas vezes, chegaram a alguns lugares ainda antes que os colonizadores europeus (Cf.: Barcelos, 2006). Nesse sentido, os jesuítas foram, eles próprios, conquistadores de áreas que, por meio de alianças com os indígenas, colocavam sob domínio de suas respectivas Coroas, fosse a da Espanha, Portugal ou França. Como iremos evidenciar aqui, nos anos centrais do século XVIII, esta associação mostrava-se ainda vigorosa, ainda que os funcionários borbônicos fossem partidários da limitação do poder secular dos missionários.⁷

É preciso lembrar, ainda, que nestes anos, assim como houve o avanço de setores da sociedade colonial sobre espaços que até há pouco tinham sido considerados como menos atrativos, grupos indígenas dotados de novas experiências, inclusive de guerra, passaram a pressionar certas áreas rurais atacando propriedades (ou revidando a ataques) e obstruindo importantes artérias comerciais. Em vista disto, a partir da dialética entre o programa defendido pelos reformadores e os imperativos da periferia hispano-americana, as relações entre os “espanhóis” e nativos assumiram novas formas, como analisou David Weber (2007). Esta dialética justamente responde ao tema de nossa reflexão, isto é, à forma pela qual algumas áreas periféricas se tornam, ainda que momentaneamente, o centro da atenção das autoridades do reino, e como isto se verifica localmente. Como afirmou Ivonne del Valle, as periferias representavam um desafio à colonização, assim como “un punto límite para los discursos criollos del siglo XVIII [...] que fundaban su autoridad en su conocimiento sobre una región y sus habitantes” (Del Valle, 2009, p. 10).

Como iremos demonstrar (em sintonia com a proposição de Allan Kuethe e Kennet Andrien (2014) sobre a importância considerarem-se as conjunturas sempre em fluxo de cada estado e território colonial), no Rio da Prata as circunstâncias locais somaram-se aos temas imperais na constituição de peculiares problemas de fronteira. E, igualmente, no delineamento de medidas para saná-los e nos resultados das mesmas.

O Rio da Prata e suas fronteiras

O tema dos indígenas insubmissos era especialmente sensível à Governança do Rio da

7 A Coroa sempre havia considerado as missões como uma instituição transitória. Assim, uma vez que os nativos tivessem se convertido, elas deveriam ser transformadas em “doutrinas” e entregues aos cuidados do clero secular, isto é, de curas ou párocos que estariam sob o controle direto de um bispo, e não mais de uma Ordem religiosa. No que se refere às missões jesuítas, esta compreensão encontrava apoio entre os colonizadores que se sentiam prejudicados por não poder contar com a mão de obra indígena, e viam a produção das reduções como competidora das suas próprias nos mercados a que se dirigiam. Para os reformadores, especialmente no que se referia às “missões maduras”, era necessário secularizá-las de modo a acabar com a tutela dos religiosos sobre os nativos, ideia que ganhará corpo a partir de uma determinação real de 1753. Sobre este último tema, ver Weber (2007, p. 138-ss).

Prata, pois eles não apenas ameaçavam rotas comerciais e cidades como Corrientes, Santa Fé e Buenos Aires, como, em certas áreas, também a expansão da pecuária, atividade que ganhava, então, impulso com a exportação de couros.⁸ Outra preocupação das autoridades residia no temor da presença de súditos e interesses de monarquias rivais em áreas de fronteiras com territórios controlados por nativos, inclusive pelo risco de possíveis alianças que poderiam ser firmadas entre eles. No *hinterland* de Buenos Aires, duas frentes desta última natureza se apresentavam de forma clara: a Colônia de Sacramento, cidadela portuguesa erguida no estuário do Rio da Prata em 1680,⁹ e a pretensa ameaça inglesa de estabelecer uma base na pouco conhecida "*Tierra Magallanica*".

Realmente, depois de 1680, Buenos Aires, viveu em permanente estado de conflito, latente ou aberto, derivado da presença portuguesa na margem oriental do rio. Um foco permanente de tensão instalou-se aí, desde que os portugueses deram início à política de expandir seus domínios em direção ao sul.

Praça comercial fundada na margem oriental do Rio da Prata, em frente ao porto de Buenos Aires, Sacramento foi um facilitador das práticas de contrabando dos portugueses e via de acesso de seus comerciantes à prata potosina. Além disso, seus habitantes eram competidores quanto à apropriação -pela caça- do gado selvagem, em um contexto em que a rarefação do mesmo passava a ser reclamada com insistência pelos colonos. As investidas militares castelhanas para desalojar os rivais da cidadela, nunca obtiveram resultados permanentes, e este será um ponto de fricção entre as monarquias ibéricas, até o final do século XVII.¹⁰

Em relação à Inglaterra, em consequência das negociações diplomáticas resultantes do final da Guerra da Sucessão, a Espanha teve que lhe conceder, pelo Tratado de Utrecht de 1713, o direito de vender africanos escravizados em Buenos Aires pelo prazo de três décadas.¹¹ Também, outras mercadorias por meio de um "*navio de permiso*" anual. Das 1200 "peças" que poderiam ser introduzidas anualmente pelo porto, 800 deveriam ser comercializadas ali, e as

8 De acordo com Fernando Jumar (2008), por volta de 1680 a rota do Rio da Prata conheceu um período de crescimento, sendo que, nos primeiros anos do século XVIII, produziu-se um aumento exponencial da exportação de couros.

9 Sobre a Colônia de Sacramento, ver Possamai (2020; 2016) e Vassalo (2017).

10 De acordo com González Mesquita (2015, p. 112), depois de 1680, a região estará sempre presente nas preocupações da Coroa, e nos tratados por ela firmados.

11 O Tratado de Utrecht concedeu aos ingleses o direito ao chamado *Asiento de Negros*, o qual se deu através da *South Sea Company*, companhia que ficou responsável pela sua execução. O quartel general da Companhia ficava na Jamaica, mas os britânicos tinham o direito de estabelecer feitorias em lugares estratégicos das colônias espanholas, como Vera Cruz, Panamá, Portobelo, Havana, Santiago de Cuba, Cartagena, Caracas e Buenos Aires.

demais enviadas para outras regiões da América meridional.¹² Além disso, favorecidas pela presença da Colônia de Sacramento, as frotas de Portugal e Inglaterra faziam chegar ao porto uma série de bens através do contrabando.¹³

Neste sentido, Nahuel Vassalo (2020) chama a atenção para a pertinência de, acompanhando a renovação da historiografia argentina a respeito das “fronteiras internas”, pensarmos a questão dos indígenas “infiéis” em diálogo com as relações não menos complexas, entabuladas pelas autoridades locais com portugueses e ingleses. Para o autor, mesmo que os problemas e receios envolvendo portugueses e ingleses, por um lado e os indígenas por outro, não tivessem as mesmas características, nem os interesses da Coroa e dos portenhos coincidissem a seu respeito, examiná-los de forma isolada desconhece que tais questões confluíam conjuntamente na agenda dos atores sociais aos quais dizem respeito (*Ibidem*, p. 12). Efetivamente, entre os grupos de índios insubmissos, aqueles que traziam mais preocupações aos espanhóis eram os que ocupavam fronteiras estratégicas, nas quais temia-se que eles pudessem forjar alianças com antagonistas como a Inglaterra e Portugal, no caso de Buenos Aires.

A revisão da política de concessões para outros países europeus participarem do comércio colonial foi um dos temas que mobilizou a atenção do governo espanhol no século XVIII. Sendo as colônias um instrumento importante para a recuperação do Reino, era preciso uma reconsideração quanto às formas de conceber e desenvolver sua administração, controlar o comércio e garantir a defesa dos seus territórios.

O Império, em termos americanos, se estendia da Luisiana e Califórnia ao norte, até a Terra do Fogo no seu extremo meridional, sendo que as guerras do século XVIII deixavam claro que o Caribe era seu ponto mais vulnerável.¹⁴ Entretanto, como dissemos, em certas regiões como o extremo sul do continente, às preocupações imperiais com os inimigos estrangeiros associava-se o temor de que os indígenas entabulassem algum tipo de aliança com eles, particularmente nas áreas pouco ocupadas da costa que se estendiam em direção ao Estreito de Magalhaes. Neste sentido, propomos que o quadro descrito pelas lentes do Rio da Prata ajuda a compreender a intenção de projetos e medidas, bem ou mal-sucedidas, pensadas para

12 Algumas peculiaridades de Buenos Aires, onde os ingleses atuavam desde 1715, a distinguiam em relação às demais feitorias que estes controlavam: primeiro, a sua posição relativamente periférica na América hispânica, afastada dos centros econômicos do Peru e do México; segundo, o fato de que o porto ficava distante de qualquer colônia inglesa, situação muito distinta da existente no Caribe, por exemplo, que sediava as operações da *South Company*. A situação isolada do entreposto platino fazia com que ela abastecesse o seu comércio com escravizados vindos diretamente da África, diferentemente de outros locais que eram atendidos principalmente através dos reembarques enviados desde a Jamaica ou Barbados.

13 Estavam envolvidos bens e produtos agrícolas oferecidos pela campanha rioplatense, em especial couros e carne seca, em troca de conhaque, açúcar, tecidos e, em particular, escravos (Cf. González Mesquita, 2015, p. 83).

14 Lembremos que Porto Belo caiu em mãos dos ingleses em 1739, assim como Havana, em 1762.

os territórios de Ultramar no intuito de reposicionar a Espanha no quadro geral das potências europeias, bem como sua relação com os interesses de agentes locais.

A Província e Governação incluía territórios do que hoje corresponde à Argentina, Uruguai, Bolívia e Paraguai, que eram periféricos quanto aos centros de decisão política mais importantes.¹⁵ A capital, Buenos Aires, era um reduto militar menor, com soldados geralmente mal pagos, cuja importância relacionava-se à proximidade estratégica dos portugueses em Sacramento (Luz Mesquita, 2015, p. 83).

Sobre isto, o jesuíta inglês Thomas Falkner (1836 [1774], p. 77) observou que

los países no conquistados son unas selvas y montañas de difícil tránsito y los llanos muy húmedos, cenagosos y ardientes, por lo que no pueden mantenerse los españoles [...]. La gente de estos países no son gran cosa como soldados [...]. Y todo esto no obstante, el país entero está sin mas defensa que una poca tropa veterana em Buenos Aires y Montevideo; y bastaría tomar a estas dos plazas para que todo el país se sometiera con sólo hacer un paseo militar por él, porque los criollos se harían unos con el enemigo, cualquiera que fuese.

Pouco antes (1772), seu colega Jose Sánchez-Labrador havia escrito sobre o pouco conhecimento que se tinha da “*Tierra Magallánica*”, cujas costas eram habitadas por “*indios infieles*”, ponderando que, mesmo viagens como a *circunnavegação* de George Anson (1740-1741), não haviam contribuído para mudar a situação. Por isso, apesar de propostas espanholas anteriores de estabelecer-se ali não terem sido levadas adiante pelos rigores do clima e esterilidade da área, a presença da esquadra inglesa, assegurou ele, “dio motivo á España de idear el establecimiento de una Colonia en la Baía de San Julián” (Sánchez-Labrador, 1936 [1772], p. 12).

Foi neste cenário que se apresentou a iniciativa de reconhecimento do litoral austral planejada e levada a efeito em uma ação combinada entre as autoridades reinóis e os jesuítas do Colégio de Buenos Aires que estavam desenvolvendo, desde 1740, uma missão junto a indígenas das áreas de “campanha”, ao sul da cidade.

Desde finais do século anterior, os jesuítas acalentavam a ideia de uma “*misión magallánica*”, isto é, que se estendesse em direção à Patagônia, objetivo que, apesar da permissão concedida por meio de Cédula Real de 1684, não foi executado naquele momento. Realmente, os Procuradores da Ordem apresentaram repetidas propostas ao Conselho das Índias, sobre a conveniência de ocupar tais áreas, as quais, mesmo aprovadas, não resultaram

15 Neste cenário, devemos ainda considerar que a região conheceu, ao longo do século, um significativo dinamismo econômico, assentado no comércio de couros.

em nenhuma ação efetiva antes de meados do século seguinte.¹⁶

Neste novo momento, o empenho dos religiosos vai se conjugar ao das autoridades locais, interessadas em uma estratégia de contenção das populações nativas das regiões ao sul de Buenos Aires que colocavam sob risco e tensão, as propriedades de criação e povoados que começavam a se estabelecer na área, e mesmo a própria cidade.¹⁷ E, ainda, ao objetivo dos reformadores borbônicos de levar adiante o reconhecimento e defesa das fronteiras do império.

A nova missão dos jesuítas que será chamada, justamente, de “missão austral”, foi desenvolvida entre 1740 e 1752,¹⁸ como política de pacificação de uma área que vivia um período de intensa conflitividade.¹⁹ Como outras reduções sob a responsabilidade da Companhia, pretendia-se controlar os indígenas a partir da sua concentração em povoados estáveis e autossuficientes, e da pregação do Evangelho. Com isto, era esperada uma solução para os violentos enfrentamentos com a sociedade colonial, motivo pelo qual a missão austral recebeu apoio, embora tímido, das autoridades locais. Ao lado disto, o projeto jesuítico de estender a missão até a Patagônia atendia ao interesse da monarquia em avançar a presença colonial nestes extensos territórios que pareciam ser presa fácil para potências imperiais concorrentes.

Um primeiro povoado, Nuestra Señora de la Concepción de los Pampas (1740-1752), foi assentado a aproximadamente 200 quilômetros de Buenos Aires; ele foi, na verdade, a primeira fundação dos “espanhóis” na margem ocidental do rio Salado. A missão abrigava inicialmente cerca de 300 indígenas, e diversos documentos a definiam como “ponta de

16 Além de outras dificuldades, também contribuíram para isto, as circunstâncias geradas pela Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1713), que praticamente paralisou as comunicações e iniciativas em relação aos territórios ultramarinos.

17 Em carta ao Rei de 1745, o governador Domingo Ortiz de Rozas relata a dificuldade de reunir soldados e armamentos para a defesa das estâncias assentadas na fronteira, e mesmo de cidades como Santa Fé e Corrientes, “continue batidas y acosadas por los Ynfieles”. Sua petição para recursos argumenta em torno do recente malón (como se chamavam os ataques indígenas) a estâncias em Luján, que resultou em 15 “cristãos” mortos, e 23 levados em cativeiro (Carta de Domingo Ortiz de Rozas, 1745, ME, I:23).

18 Durante os governos de sob os governos de Miguel de Salcedo (1734-1742), Domingo Ortiz de Rozas (1742-1745) e José de Andonaegui (1745-1756).

19 Segundo Raúl Mandrini (2000), as décadas situadas entre 1740 e 1780 conheceram os conflitos mais agudos entre os grupos nativos desta área e as populações coloniais.

lança”²⁰ em direção às áreas de “*tierra adentro*” e à catequese de outros grupos, como os “serranos” e os “patagões” (Cf. Martins, 2012).

Pouco depois, e como um desdobramento da nova atenção às fronteiras coloniais, as autoridades projetaram uma viagem marítima de exploração do Estreito de Magalhães, também prospectando a possibilidade de assentar ali novas reduções dirigidas pelos religiosos. Além das questões já levantadas, relativas ao desejo de reconhecimento e defesa do território, bem como de intervir sobre as suas populações, estava o interesse em revitalizar o sistema mercantil peninsular, criando uma rota alternativa pelo Cabo de Hornos, além de novos sistemas alfandegários (Page, 2013, p. 36).

Iniciativas desta natureza representavam o investimento em “conhecimento útil”, chave do pensamento dos reformadores, um entendimento interessado em apreender espaços e sujeitos para controlá-los e dominá-los (Del Valle, 2009, p. 9). Em termos imediatos, a decisão de realizar a expedição em 1745 respondeu à já aludida viagem de George Anson no início da década, a partir da qual o Mar do Sul se abriu para a competição entre as potências imperiais europeias.

O objetivo de produzir conhecimento náutico e cartográfico era particularmente relevante no que se relacionava à passagem interoceânica ligando o Atlântico ao Pacífico (Cf.: Gandara, 2020). A maior parte dos esforços do império espanhol neste sentido se efetivaram apenas na segunda metade do século, quando foram organizadas diferentes expedições para determinar a melhor opção e, assim, definir uma rota segura e eficaz para a navegação militar e comercial. Apesar disto, ainda em 1745 deu-se uma primeira viagem marítima de exploração da costa patagônica. Conhecida como a Viagem da Fragata San António, ela aliava o desejo de prospectar o litoral quanto a sua defesa, com a verificação da possibilidade de instalar reduções jesuítas na área como prosseguimento da “missão austral”. Desta forma, três religiosos, dois deles diretamente envolvidos na “conquista espiritual” dos indígenas, participaram da viagem.

20 Na carta anual referente aos anos de 1735-1743, por exemplo, Pedro de Lozano escreve que o Governador Miguel de Salcedo, ao apoiar a fundação de *Nra Sra de los Pampas*, afirmou que “estaba convencido que esta era la puerta para reducir a los innumerables infieles, que viven por los dilatados campos y las selvas del sur, hasta el Estrecho de Magallanes, tanto que se podía esperar, que por allí fundarían más reducciones que entre los guaraníes” (Salinas; Foljkenand, 2016, p. 684). Uma Cédula Real de 1740 ordenava que os jesuítas desta missão recebessem escolta de soldados “necesária [...] para que desde ella (que está en el camino) se haga entrada a los Patagones y demás naciones que median hasta el Estrecho de Magallanes” (Salcedo *apud* Furlong, 1938, p. 132). Em 1752, quando o Cabildo da cidade solicitou a extinção ou remoção da missão para um lugar mais afastado, o Provincial dos Jesuítas argumentou em seu favor, dizendo que ela era “como la Puerta” para que os padres adentrassem no território para a evangelização dos “infieis” (*apud* Sanchez-Labrador, 1936 [1772], p. 148). Finalmente, a mesma expressão foi usada pelo Reitor do Colégio de Buenos Aires: “la puerta para la conversión del gentio numeroso que habita las dilatadas campanas que medeiam entre el Estrecho de Magallanes y las ciudades de Mendoza y Buenos Aires” (Carta de Ladislau Oroz al Rey de España, 1743, 28 de noviembre. Museo Etnografico Juan Bautista Ambrosetti, cx. I, doc. 17).

De esta manera, en devoción y conformidad cristiana, se prosiguió la navegación

A expedição de 1745 foi uma iniciativa das autoridades da monarquia na Espanha, no que ela se mostrou incomum. Efetivamente, foi só partir da década de 1780, que Madrid intensificou esforços por conhecer e controlar o Estreito de Magalhães e o Cabo de Hornos, tidos como chave para a navegação transoceânica em um contexto de acirrada concorrência pelo controle político, marítimo e simbólico desta região estratégica (Gandara, 2020, p. 179-180).

Mesmo que, junto com costa da Patagônia, o Estreito viesse se tornando objeto de preocupação e interesse para o império hispânico, esta atenção era circunstancial, ganhando sistematicidade, realmente, no último quartel do século. De fato, durante a sua segunda metade, expedições para a área tornaram-se mais frequentes em razão da suspeita da presença britânica nas costas do sul.

Antes disto, as iniciativas de inspeção couberam principalmente aos governos locais, notadamente a Chiloé, que se transformou em centro das rotas austrais e da produção de conhecimento sobre a navegação na área.²¹ Assim, embora tenha cabido, depois, às autoridades do arquipélago, a organização mais sistemática de expedições de reconhecimento,²² a viagem efetuada a partir de Buenos Aires em 1745 pode ser colocada no repertório das primeiras iniciativas que buscaram se apropriar da geografia das passagens interoceânicas do Sudoeste.

O grupo reunido para a viagem partiu de Buenos Aires em 5 de dezembro de 1745, primeiramente com direção a Montevideu, onde um contingente de 25 soldados juntou-se aos homens já embarcados. Dois dias depois, na fragata espanhola San Antonio, de 150 toneladas e 8 peças de artilharia, os expedicionários tomaram o rumo da costa sul. O comandante da expedição era Joaquín de Olivares y Centeno, que levava como piloto Andía y Varela.

Embarcáronse por fin a 5 de Diciembre de 1745, y el lunes 6 a las diez horas de día [...], se hicieron a la vela en nombre de Dios, con viento fresco, y [...] con distar Montevideo solas cincuenta leguas de Buenos Aires, no pudieron tomar su puerto, hasta el lunes 13 [...]. Allí, entre la gente de aquel presidio, se

21 As ações para reconhecimento da área iniciaram ainda no século XVI, apresentando objetivos e características diversas. Chiloé foi conhecida, na época colonial, como "la capitana de las rutas australes". Sobre as expedições de Chiloé à costa ocidental da Patagônia, ver Ximena Urbina (2013, p. 53).

22 Segundo Natalia Gandara (2020, p. 179-180), após a ocupação britânica de *Port Egmont* nas Ilhas Malvinas, entre 1767 e 1770, três pequenas expedições foram enviadas para explorar, reconhecer e mapear os canais da Patagônia Ocidental. Com essas viagens exploratórias foi possível coletar informações e criar conhecimento sobre os canais da Patagônia, gerando novas notícias sobre as condições climáticas e ambientais da área, e informações sobre as comunidades indígenas.

eligieron los veinte y cinco soldados, que se habían de embarcar [...] porque, aunque deseaba el Señor Gobernador de Buenos Aires, que fuese mayor el número de los soldados, y había otros muchos que se ofrecían voluntariamente a esta expedición, no fue posible aumentar el número, por no permitirlo el buque del navichuelo (Lozano, 1836, s/p.).

A bordo estavam os padres jesuítas Matías Strobel, José Cardiel e José Quiroga.²³ Os dois primeiros viviam na região há anos e eram experientes no trabalho junto aos indígenas, sendo parte de suas atribuições como membros do grupo, verificar a presença de populações a serem evangelizadas. Strobel foi designado Superior dos demais. Já Quiroga veio da Europa especialmente para a viagem, e foi seu renome como cartógrafo que o recomendou para participar do reconhecimento da costa patagônica. Segundo Guillermo Furlong, a decisão para que a expedição fosse realizada deveu-se aos esforços insistentes dos Procuradores jesuítas na Espanha,²⁴ pelo que foram convocados pelo Rei, o qual “les manifesto que era su voluntad que llevaran diez Misioneros más de los ya autorizados para pasar a América y que entre esos diez debía ir el Padre Quiroga, pues quería encargar a este Padre una misión especial” (1930, p. 134).

O Conselho das Índias inclusive destinou recursos para a aquisição de uma série de equipamentos necessários ao mapeamento a ser realizado, os quais viriam da “Inglaterra, por via de Lisboa, para el padre Joseph Quiroga” (*Ibidem*, p. 19). O Arquivo Nacional em Buenos Aires conserva a lista do que foi comprado:

Dos relojes de faltriquera para la mensura del tempo
Dos telescopios, uno de 8 y outro de 16 pies geométricos
Un estuche matemático; una lámina de cobre para cuadrante
Diez y ocho pliegos de papel para mapas y demarcaciones
Una caja de palillos de Alemania para dibujar
Dos reglas de palo de rosa para tirar líneas; dos globos
Dos mapas y um libro de las estrellas Australes, una ampollita de arena
Un libro de Ephemerides, nueve tomos del Pe. Tosca
Quatro tomos de Ozzanam, un tomo de Newton

23 Por volta de 1725 Manuel Quiroga ingressou na Escola Naval espanhola, percorrendo, nesta condição, o Mediterrâneo e parte do Oceano Atlântico. Depois do encerramento da expedição magalhânica, ele foi destinado à Universidade de Córdoba onde fundou a primeira cátedra de Matemáticas da instituição (Page, 2013, p. 39).

24 Juan Jose Rico, por exemplo, em 1743, escrevera ao Rei sobre a conveniência, tanto espiritual quanto temporal de “reduzir” os indígenas da Patagônia em direção do Estreito, dadas as notícias da presença dos ingleses nesta costa. Ele argumenta que seria menos difícil impedir que inimigos se estabelecessem na costa, do que desalojá-los, depois. (Carta de Juan Jose Rico, 1743, ME: I19).

Las tablas de Felipe de la Hire

Un tomo de Frezier, Viajes em el Mar del Sur; Tablas de la Maire

Em componer um cuadrante astronómico; una plancheta, dos compases

Un instrumento de madera para triángulo filar (*apud* Furlong, 1938, p. 18-19).

A experiência náutica e os conhecimentos matemáticos do jesuíta eram considerados importantes para o trabalho de prospecção de pontos de escala para a frota espanhola navegar pelo cabo de Hornos.²⁵ Fazia parte dos objetivos do grupo, também, examinar onde poderiam ser instalados postos de vigilância para segurança da costa, e conferir a presença de navios estrangeiros, especialmente ingleses.

Os preparativos da viagem foram registrados em diversos documentos das autoridades da Coroa e da Província.²⁶ Já dados da expedição propriamente encontram-se nos diários de Olivares y Centeno, Comandante do navio (1746), do Piloto Mayor, Andía y Varela (1746), e do padre Quiroga (1746).²⁷ Há, também, um "Diário Anônimo" (1746) que Raul Mandrini (2000, p. 238) atribuiu ao Padre José Cardiel a partir da análise de seu conteúdo. O historiógrafo da Companhia de Jesus, Pedro Lozano, por sua vez, realizou um resumo da viagem a partir de seus colegas, Cardiel e Quiroga, que foi publicado em um dos volumes da Coleção Pedro de Angelis, em 1836.

Como dissemos, a atenção das autoridades foi especialmente aumentada a partir da presença inglesa no Pacífico sul espanhol,²⁸ evento que incitou a compreensão sobre a importância estratégica da rota interoceânica e de medidas de proteção da costa. Ao lado disto, considerou-se necessário estabelecer contato com as populações indígenas locais, antecipando-se a possíveis iniciativas dos ingleses. Por isto, a expedição também prospectaria pontos onde situar "*pueblos de índios*", de forma a que os jesuítas dessem continuidade à "missão austral" iniciada com o estabelecimento de Concepción de los Pampas, primeira

25 Esta rota, que ficava fora do sistema de navegação da frota espanhola [regulado pelo regime de '*frotas y galeones*'], ganhou importância como parte do projeto bourbônico de revigorar o sistema mercantil do reino, particularmente depois que os ingleses tomaram Portobello, em 1739.

26 Cópias dos mesmos, feitas do Arquivo de Índias, podem ser encontradas no Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires [ME]. Ver, por exemplo: Carta ao governador, s/f. [1744?] [ME], cx. I, doc. 11.

27 Este diário foi publicado por Guillermo Furlong em 1930, junto a outros textos sobre os trabalhos do jesuíta na América, inclusive aqueles que realizou acompanhando, poucos anos depois, a comissão demarcadora espanhola do Tratado de Madrid de 1750. O diário, segundo Furlong, é árido, lacônico e escrito em "estilo de quartel", motivo pelo qual ele apresenta uma versão resumida do mesmo, com os principais acontecimentos registrados.

28 A situação ecoava, também, em outras áreas do Império Colonial como o Caribe e a Flórida, por exemplo, em que igualmente se detectava a presença inglesa

fundação na margem ocidental do Rio Salado, cinco anos antes.²⁹

A busca por grupos nativos porventura contactados durante a viagem, e a verificação das condições de estabelecer uma missão na área, explicam, assim, a presença dos sacerdotes no grupo. Possivelmente era também por este motivo que quatro índios cristãos acompanhavam o grupo, eventualmente para iniciar as aproximações com os “pagãos”. Havendo possibilidade para tanto, José Cardiel, com uma escolta de soldados, permaneceria para iniciar o trabalho.

Evidentemente os padres eram, também, responsáveis pelos ofícios religiosos cumpridos de acordo com a sensibilidade da época, rezando a missa diariamente, conduzindo novenas e oferecendo os sacramentos da confissão e comunhão aos embarcados.

Este domingo, haciendo una plática el padre Matías Strobl, se dio principio por nuestros misioneros a la novena de San Francisco Javier [...]. Asistían todos al santo sacrificio de la misa, que se decía una todos los días cuando el tiempo lo permitía, y en los días festivos dos. Se rezaba de comunidad el rosario de Nuestra Señora, y en la novena se añadió lección espiritual todos los días y pláticas, para disponer la gente a que se confesasen y comulgasen, como lo hicieron al fin de ella todos con mucha piedad. Para desterrar la costumbre de jurar, que suele reinar entre soldados y marineros, se impuso pena, a que todos se obligaron, de quien quiera que faltase, hubiese luego de besar el suelo, diciéndole los presentes: “Viva Jesús, bese el suelo” (Lozano, 1836, s/p.).

Quando necessário, eles ofereciam consolo e ânimo, se as condições do mar os colocavam em perigo.

Domingo 16, corrieron a palo seco hasta las dos de la tarde. En toda la noche precedente, y parte de este día, eran tan recios los golpes del mar, que entraban por una y otra banda del navío, llenándose todo de agua. Los sacos, cajas y arcas rodaban de parte a parte, y algunos caían sobre la gente, sin poder nadie sosegar ni parados ni sentados, ni aun echados. Sobre todo, les molestaba la aflicción del estómago, y congoja de corazón con tanto golpe y desasosiego; y el segundo piloto, don Basilio Ramírez, mientras atendía a la maniobra, se dio un golpe tal que le quedó el rostro muy mal herido. Nuestros jesuitas, teniendo mucho que ofrecer a Dios en estos lances, como menos acostumbrados, hallaban alivio en acordarse de los peligros y naufragios que San Pablo y San Francisco Javier, patrón del viaje, padecieron en la misma demanda de la conversión de los infieles, y con esto mismo procuraban consolar a toda la gente (Lozano, 1836, s/p.).

Em 6 de janeiro de 1746, o grupo chegou ao Cabo Blanco, cujas coordenadas foram marcadas por Quiroga que participava ativamente das prospecções feitas por mar, mapeando

e registrando dados sobre a costa. No dia seguinte estavam em Puerto Deseado, cujas condições foram estudadas para verificar a possibilidade de estabelecer um assentamento. Concluíram que ele poderia estar *“entre los mejores del mundo”*, dotado de uma entrada *“muy estrecha, y fácil de fortificar a poca costa; puédese cerrar con cadena, así en la boca como en lo restante del canal, el cual corre este-oeste hasta la punta oriental de la isla de Roldán”* (Lozano, 1836, s/p.). Entretanto, o litoral não apresentava condições de abrigar o desejado assentamento, *“una colonia de españoles”*.

Ojalá que correspondiera la tierra; pero es árida, y falta de todo lo necesario para población. No hay árboles que puedan servir para madera, solamente se halla en las quebradas alguna leña menuda para hornos y para guisar la comida. No es el terruño bueno para sementeras, porque además de ser todo salitroso, es casi todo peña viva; ni hay más agua dulce que las fuentes dichas (Lozano, 1836, s/p.).

Enquanto Olivares y Centeno, Andia y Varela e Jose Quiroga lideravam a prospecção da costa, um grupo conduzido por Jose Cardiel internou-se várias vezes pelo território para averiguar a presença de indígenas. Além de não se encontrar, em nenhum momento, sinais de que vivessem ali, mas apenas evidências de antigos sepultamentos, a esterilidade da terra era um impedimento para o projeto dos padres:

los que fueron por tierra, subieron a una alta sierra, en cuya cumbre encontraron un montón de piedras, que desenvueltas, hallaron huesos de hombre allí enterrados, ya casi del todo podridos, y pedazos de ollas enterradas con el cuerpo. El hombre mostraba ser de estatura ordinaria, y no tan grande, que tuviese diez u once pies de largo, como los pinta Jacobo Lemaire. Después de muy cansados de caminar, no hallaron huella o rastro de hombres, ni bosque, ni leña, sino tal cual matorral; ni agua dulce, ni tierra fructífera sino peñascos, cuevas, quebradas y despeñaderos, que les dieron copiosa materia de paciencia [...]. Desde los altos no descubrieron por muchas leguas mejores calidades de terruño que las dichas. Tampoco se encontró pasto, ni cosa a propósito para habitación humana, ni aun brutos, ni aves; sino solamente rastro de uno u otro guanaco, y tal cual pájaro [...]. [...] y si no les hubiera deparado Dios algunos pocitos de agua en las concavidades de las penas, por haber llovido un poco el día antes, no saben como hubieran podido volver al puerto. (Lozano, 1836, s/p).

Apesar dos esforços do grupo conduzido por Cardiel, às vezes seguindo trilhas indígenas, raros sinais de sua presença, como os ossos acima descritos, foram localizados. O achado mais importante ocorreu em 15 de fevereiro na Baía de San Julián: um túmulo muito particular cuja descrição aparece nos diários de vários dos expedicionários.

Lunes 14, salieron en la forma dicha el padre Strobl por la parte oriental, y el padre Cardiel por la occidental, y caminando aquél al sur [...]. Por la mañana del martes 15, después de rezar, y haberse todos encomendado a Dios, prosiguieron su viaje, y a distancia de una legua de la dormida, dieron con una casa, que por un lado tenía seis banderas de paño de varios colores, de media vara en cuadro, en unos palos altos, clavados en tierra, y por el otro lado cinco caballos muertos, embutidos de paja, con sus clines y cola, clavados cada uno sobre tres palos en altura competente. Entrando en la casa, hallaron dos ponchos tendidos, y cavando encontraron con tres difuntos, que todavía tenían carne y cabello. El uno parecía varón, y los otros mujeres; en el cabello de una de éstas había una plancha de latón de media cuarta de largo, y dos dedos de ancho, y en las orejas, zarcillos de lo mismo. En lo alto de la casa había otro poncho revuelto, y atado con una faja de lana de colores, y de ella salía un palo largo como veleta, de que pendían ocho borlas largas de lana amusca. Según estas señas, los difuntos eran de la nación Puelche. (Lozano, 1836, s/p).

Mesmo com a insistência do jesuíta em encontrar os nativos que haviam construído o túmulo e que ele supunha estar perto, uma semana depois deste achado, o grupo de 34 homens, entre soldados e marinheiros, retornou sem sucesso.³⁰ Concluiu-se que a região não tinha os predicados requeridos para constituir “*pueblos de misiones*” ou “*reducciones*”. Faltavam-lhe condições básicas, como água, pasto, madeira e solo arável. Era terra deserta e não havia grupos com os quais pudessem concretizar o propósito de estender sua missão austral:

ni hay indios en parte alguna cerca del mar, desde el Cabo de San Antonio al Cabo de las Vírgenes; porque siendo la tierra de la costa salitrosa e infructífera, no tienen de qué mantenerse; y si en alguna parte los hubiera, hubieran estos navegantes visto algunos fuegos, o humaderas en las partes donde surgieron y saltaron en tierra. Por tanto parece que los indios viven muy tierra adentro hacia la falda de la Cordillera de Chile (Lozano, 1836, s/p).

À mesma conclusão chegaram os expedicionários sobre os locais onde se projetava instalar pontos de escala para a frota e postos de vigilância:

puertos son muy pocos; solamente en el Puerto Deseado, en San Julián y en la bahía de San Gregorio se halla abrigo para los navíos. En el Puerto Deseado hay una fuente, de la cual en caso de necesidad pueden hacer aguada los navíos. Todo lo restante de la costa está seco y árido, que no se ve un árbol, ni hay donde se pueda hacer leña gruesa; de algunos matorrales se puede hacer algún poco en la bahía de San Julián (Lozano, 1836, s/p).

As condições de uma “geografia extrema” (Cf. Del Valle, 2009) impuseram-se, assim, aos planos dos expedicionários e ao projeto dos administradores. Diante disto, embora levassem víveres para seis meses, a viagem encerrou-se antes do previsto. O fim do verão e a escassez de água potável apressaram o retorno do grupo que atracou no embarcadouro de Buenos Aires passados cinco meses da partida, em 4 de abril de 1746.

Como Superior do grupo de jesuítas, o Padre Strobel enviou um relato da expedição ao Marquês de la Ensenada, um dos mais poderosos ministros de Fernando VI,³¹ em que afirma terem feito todas as diligências possíveis, atendendo ao compromisso que lhes fora atribuído:

por mar como por tierra para dar cumplimiento a las órdenes reales que llevábamos, y que fuera de dos puertos, San Julián y el Deseado, no hallamos cosa buena y aun esos mismos dos puertos como todo lo demás de esta costa carece de agua dulce y de lena, toda la tierra tan salitrosa que es incapaz de beneficiarse y por consiguiente también incapaz de poblarse” (Strobel *apud* Furlong, 1930, p. 26).³²

José Lozano (Lozano, 1836, s/p), sumariando os relatos dos colegas, registrou a mesma impressão:

los puertos son muy pocos; solamente en el Puerto Deseado, en San Julián y en la bahía de San Gregorio se halla abrigo para los navíos. En el Puerto Deseado hay una fuente, de la cual en caso de necesidad pueden hacer aguada los navíos. Todo lo restante de la costa está seco y árido, que no se ve un árbol, ni hay donde se pueda hacer leña gruesa.

Apesar disto, o Padre Jose Cardiel, que os colegas descreviam como dotado de grande energia, ainda colocou esperanças, por algum tempo, neste projeto, tentando angariar recursos para uma outra expedição. Em agosto de 1746, escreveu ao governador de Buenos Aires, Jose de Andonaegui, solicitando apoio para nova viagem.

Nesta carta, ele justificou os esforços para estender a missão dos jesuítas ao Estreito de Magalhães e Patagônia, a partir das notícias de que ali viviam indígenas entre os quais a catequese teria bons resultados. Sua conclusão derivava de que eles teriam atributos julgados essenciais para tanto: serem agricultores e sedentários: “indios labradores [...] y tambien de apie las cuales dos propiedades de ser Labradores y de apie, son, segundo nos muestra la

31 Zenón de Somodevilla y Bengoechea, *Marques de la Ensenada*, empenhou-se fortemente em dotar o Reino de uma Armada que pudesse fazer frente à de seus rivais.

32 Esta carta está apresentada na edição de 1930 que Guillermo Furlong preparou do Diário do P^e Quiroga.

experiencia gran disposicion para recibir el Evangelho”.³³ Ao lado deste argumento, ele se refere à possibilidade de verificar as notícias sobre a lendária “Cidade dos Césares”, cuja existência em algum lugar do extremo sul do continente, era afirmada por várias fontes:³⁴ “digo que hay grave fundamento para creer que hay tambien Poblaciones de Españoles y quizás con algunas Minas de Oro y Plata lo cual ha dado motivo a la decantada Ciudad de los Cesares” (Carta del Padre Jesuita Joseph Cardiel. BN-RJ, f. 6).

É importante apontar que o jesuíta, paralelamente à sinalização dos possíveis benefícios advindos da riqueza que supostamente os “césares” abrigariam, reapresenta um argumento que havia estado na origem da viagem de 1745. Com efeito, como alguns informes diziam que os habitantes desta cidade não falavam espanhol, ele sugere que sua população poderia ser formada “*de gente Olandesa o Inglesa que tambien dicen se han perdido en el Estrecho*” (*Idem*). Conclui desta forma seu argumento de que uma nova viagem para a área seria de grande serviço para Deus e para o Rei, assim como para o conhecimento de regiões ignotas: “alo menos se aberiguaria de lo que hay y sacariamos al Rey y al Mundo de dudas” (*Ibidem*, f.15).

Sem ter obtido o apoio solicitado, o religioso empreendeu, no ano seguinte, por conta própria, uma expedição por terra. Antes disto, e como parte do projeto de expandir as missões nas áreas ao sul de Buenos Aires, Cardiel participou da fundação, junto com o colega Thomas Falkner, de uma segunda redução: Nuestra Señora del Pilar del Volcón, em 1747. Ele havia estado na região meses antes, estabelecendo os contatos iniciais com os indígenas. Mas, também, segundo conta, foi “*á essas Sierras con el intento de proseguir adelante con el tempo por tierra lo que no pudimos conseguir por mar*” (Diario del viaje y misión, 1930, p. 252).

Em meados de março, provavelmente dia 11, ele iniciou esta nova viagem para verificar a possibilidade de chegar ao Estreito e realizar o desejado trabalho de conversão dos nativos. Não tendo conseguido a escolta de soldados que solicitou,³⁵ partiu apenas com um grupo de indígenas que seriam seus acompanhantes.³⁶ Depois de passar pelas missões de Concepción de Pampas e Pilar del Volcón, apesar das tentativas dos colegas de demovê-lo, tomou a direção do que então se chamava “*tierra adentro*”. Contudo, logo na manhã do dia 21 de maio ele foi abandonado por seus guias indígenas que diziam “*que hacia mucho frio [...] a que añadian q^e los*

33 Em um documento do ano de 1747, Cardiel analisa o trabalho dos jesuítas com os indígenas americanos, ponderando que a “qualidade” dos grupos não agricultores, por sua “vida cigana”, era um dos maiores impedimentos para a catequese. Ver: Cardiel *apud* Vignati (1956, p. 151-172).

34 Sobre este tema, consultar: Vega (2020).

35 “por la guerra que se teme vengan los ingleses hacer a estos Puertos” (Diario del Viaje y Misión, 1930, p. 254).

36 Iam, também, com ele “un Estudiante qe [...] ayudase à Misa y 4 mozos q[u]e [...] lebasen unas cargas en qu^e iba um Altar portátil, una tienda de campaña ó toldo qu^e servisse de Capilla y algunos doncellitos para los indios y algo de bastimiento” (Diario del Viaje y Misión, 1930, p. 254).

infielos que buscábamos eron Barbaros y sangrientos q^e nos habían de matar” (Diario del viaje y misión, 1930, p. 261).

Sem guias e intérpretes, impossibilitado de prosseguir, Cardiel decidiu que faria a viagem de regresso pela costa, *“para dar noticia al publico de lo bueno e do malo q^e hay en estas playas tan temidas como ignoradas, y que sepan en adelante los Pilotos que ban al Mar del Sur por el Estrecho de Magallanes ó por el Cabo de Hornos donde allaran agua o acoxida en sus necesidades”* (Idem).³⁷ Assim, ele retoma o argumento da confluência entre a atividade proselitista da Ordem³⁸ e as possibilidades que o conhecimento do território trazia para os governantes.

Em finais de 1750, os jesuítas ainda instalariam um terceiro povoado, Nuestra Señora de los Desamparados, onde chegaram a reunir fugazmente, apenas por poucos meses, um grupo de “patagões”. Contudo, em fevereiro do ano seguinte a missão foi destruída e abandonada; logo depois, o mesmo se deu com a missão de Pilar. A última a ser desativada foi Concepción de los Pampas, encerrando-se, com ela, a missão austral. Os acontecimentos derivados da Assinatura do Tratado de Limites entre Portugal e Espanha, dariam início a uma conjuntura amplamente desfavorável aos jesuítas, perdendo eles o apoio que tinham recebido para suas iniciativas. Uma decisão da monarquia, parte da “grande política” ordenou sua expulsão, decretada por Carlos III, em 1767. As reduções começariam uma nova fase, agora sem a tutela da Companhia; igualmente, as relações com os indígenas se fariam sob novas condições, considerando os ilustrados espanhóis que o relativo isolamento em que os jesuítas pretendiam manter os indígenas, era prejudicial.

37 Logo no início de seu Diário, Cardiel, ao referir-se à viagem anterior, também destacou esta dupla faceta das iniciativas dos jesuítas: “emprendimos al fin del año de 1746 (*sic*) el viaje por mar a las costas de Magallanes para conbertir à nuestra Sta Fé los infieles comarcanos al Estrecho, y por otros fines del bien publico que tambien el Rey pretendia” (Diario del Viaje y Misión, 1930, p.250-251).

38 Recordemos aqui que a fundação de missões e doutrinas por parte dos jesuítas teve início com a política do vice rei Francisco de Toledo (1569–1581), logo depois que eles se instalaram no Peru (1568). Dos cinco primeiros sacerdotes então chegados àquele território, três se ocuparam da doutrinação dos índios; dos nove que vieram no ano seguinte (1569), sete assumiram a mesma tarefa. Depois de passaram a atender alguns pequenos povoados em Huarochiri, os jesuítas fundaram, em 1576, a missão de Juli, precedente para o que seriam as missões do Paraguai a partir de 1610. Por todo o período de governo dos Áustria, a Companhia foi um importante aliado da Monarquia na pacificação das populações indígenas por meio de suas reduções.

À guisa de conclusão

Sabemos que a monarquia espanhola sob a dinastia dos Áustria apoiou-se no trabalho de missionários para controlar as populações indígenas, “submetendo-as a partir do Evangelho”. Os jesuítas são especialmente lembrados por suas reduções junto aos guaranis, iniciadas no começo do século XVII. Ao final deste, eles haviam ampliado sua ação evangelizadora, na América do Sul, para missões entre vários outros grupos como *chiquitos*, *mocobis* e *abipones*. Em meados do século seguinte, estabeleceram as primeiras reduções na atual Província de Buenos Aires, tendo recebido apoio, especialmente em seu início, das autoridades locais, inclusive diante, como argumentamos aqui, dos benefícios desta iniciativa no reconhecimento e ocupação dos extensos territórios que se abriam a partir de Buenos Aires, considerados presa fácil para países rivais.

Realmente, como dissemos, no século XVIII, sob o governo dos Bourbons, as regiões de fronteira onde as missões geralmente se estabeleciam, assumiram importância estratégica na medida em que elas podiam chamar a atenção dos adversários europeus da Monarquia. Sabemos, também, que especialmente ao tempo de Carlos III, exploradores foram enviados para estas regiões a fim de recolher informações sobre sua geografia, seus recursos e suas populações, bem como que burocratas profissionais foram encarregados de reformar as tradicionais instituições de controle de territórios periféricos: o exército e as missões.

Entretanto, se tais medidas ganharam intensidade no tardo colonial, isto não significa que elas não viessem sendo ensaiadas anteriormente. Como sustentamos neste trabalho, nas décadas centrais do século, foram tentados, nestes “confins do Império” (Cf. Weber, 2007), projetos conjugando duas ordens de iniciativas - a busca da submissão de populações independentes e a vigilância e controle de costas desprotegidas.

Justamente por isto, Nahuel Vassalo propôs que a questão dos indígenas “infiéis” fosse analisada em diálogo com as complexas relações entabuladas pelas autoridades com portugueses e ingleses. As medidas tomadas pelos administradores do período borbônico tiveram uma orientação claramente laicista. Contudo, no caso do Rio da Prata, a política de atenção às fronteiras entre os anos 40 e 50 do século XVIII, acionou os padres da Companhia de Jesus a fim de lidar com o que se consideravam ser ameaças externas ao território, como a rivalidade internacional nos mares do sul, além do risco de que a eles se aliassem os “selvagens”.

A “missão austral” foi projetada para dar continuidade ao trabalho de “*reducción pelo Evangelho*” dos jesuítas. Ela teve uma duração curta, sucumbindo nos inícios da década de 50 imersa na desconfiança dos agentes locais, isto é, do governador e dos membros do cabildo, bem como diante da crise que a assinatura do Tratado de Madrid e a posterior “guerra guaraníca” (1753-1756) vai desatar para a Companhia de Jesus.

O objetivo deste trabalho foi analisar a relação entre as preocupações imperiais e os interesses locais, a partir da observação de algumas iniciativas levadas a efeito na governação de Buenos Aires na conjuntura específica dos anos centrais do século XVIII. Consideramos que

esta atenção às circunstâncias locais ajuda a verificar de que forma se manifestam, neste plano, as interações entre os atores sociais, bem como as determinações do poder real nos diferentes territórios que integravam a Monarquia Espanhola. Buscamos compreender questões particulares da sociedade bonaerense (Cf. Kuethe, Andrien, 2014) à luz dos problemas mais amplos postos pelo conjunto de ações da monarquia borbônica no sentido de revitalização do Império. E, ainda, tomando como fio condutor da discussão, analisamos a participação dos jesuítas do Colégio de Buenos Aires, nesta cena.

Nahuel Vassalo (2020), sobre isto, refletiu sobre o que apontou como uma fragilidade da historiografia argentina consistindo na tendência de reduzir a complexidade dos fenômenos da fronteira, ligando-a quase que de forma exclusiva, aos problemas da cidade de Buenos Aires e seus arredores, com as sociedades indígenas. Para o autor, especialmente a partir da Guerra de Sucessão Espanhola (1700-1713), é necessário que, na análise desta questão, se tome em conta, também, as questões da presença inglesa e portuguesa na área. É necessário, diz ele, resgatar da obscuridade a primeira metade do XVIII, marcada

tanto por los avatares de la guerra a escala global como por la falta de recursos, consensos y apoyos suficientes para generar la transformación y el reordenamiento del mundo “austracista”. De aquí se desprende la necesidad de pensar el problema fronterizo más allá del paradigma ilustrado de la secularización, para rechazar la separación entre política, sociedad y religión al estudiar las sociedades de antiguo régimen (Vassalo, 2020, s/p.).

A missão austral, definida pelos religiosos como “la puerta para la conversión del gentio numeroso que habita las dilatadas campanas que medeiam entre el Estrecho de Magallanes y las ciudades de Mendoza y Buenos Aires”, esteve ajustada aos esforços de reconhecimento e defesa de territórios que a monarquia castelhana visava proteger de rivais estrangeiros. Contudo, as condições da sociedade local, a “geografia extrema” da área, as singularidades dos indígenas que ali viviam e, finalmente, as decisões estratégicas da Coroa, assinalaram o seu encerramento.

Referências

BARCELOS, Artur Henrique Franco. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DEL VALLE, Ivonne. *Escrebiendo desde los márgenes*. Colonialismo y jesuítas en el siglo XVIII. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.

CARDIEL, José. Sobre las dificultades que suele haber en la conversión de los indios infieles, y medios

para vencerlas. In: VIGNATI, Alejo M. (Ed.). *Viajeros y documentos para el estudio del hombre americano*. Vol. I. Buenos Aires: Coni, 1956.

FALKNER, Thomas. *Descripción de Patagonia y de las partes adyacentes de la América meridional [...] con la religión, política, costumbres y lenguas de sus moradores [...]*. Buenos Aires: Imp. del Estado, 1836. [1774].

FURLONG, Guillermo. *Entre los pampas de Buenos Aires. Según noticias de los misioneros jesuitas Matías Strobel, José Cardiel, Tomás Falkner, Jerónimo Rejón, Joaquín Camaño, Manuel Querini, Manuel García, Pedro Lozano y José Sánchez Labrador*. Buenos Aires: Talleres gráficos San Pablo, 1938.

FURLONG, Guillermo. *El Padre Quiroga*. Buenos Aires: Talleres; Casa Jacobo Peuser, 1930.

GANDARA, Natalia. Mapeando los pasos interoceánicos australes: La producción y circulación de conocimiento hidrográfico y cartográfico en las expediciones españolas a fines del siglo XVIII. *Magallania*, Punta Arenas, v. 48, n. esp., p. 167-188, 2020.

GONZÁLEZ MEZQUITA, María Luz. El Río de la Plata a comienzos del siglo XVIII: Estrategias y Propuestas en tiempos de guerra. *Espacio, Tiempo y Forma*, Madrid, serie 4, n. 28, p. 71-98, 2015.

JUMAR, Fernando. El primer boom de la exportación de cueros y la sociedad local. Río de la Plata. Fines del siglo XVII, comienzos del siglo XVIII. (Comunicação). XXI Jornadas Historia Económica. Caseros 23-26 sept. 2008a. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/112554>. Acesso em: 18 ago. 2022.

JUMAR, Fernando. El precio de la fidelidad: la guerra de sucesión en el Río de la Plata, los intereses locales y el bando borbón. In: MOLINÉ, A; MERLÉ, A. Merlé (Dir.). *L'Espagne et ses guerres: De la fin de la Reconquête aux guerres de l'indépendance*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2008b.

KUETHE, Allan J.; ANDRIEN, Kenneth J. *The Spanish Atlantic World in the Eighteenth Century – War and the Bourbon Reforms, 1713-1796*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

LOZANO, Pedro. *Diario de un viaje a la costa de la mar magallánica en 1745, desde Buenos Aires hasta el Estrecho de Magallanes. Formado sobre las observaciones de los PP. Cardiel y Quiroga*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0r9m3>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MANDRINI, Raúl. El viaje de la fragata San Antonio, en 1745-1746. Reflexiones sobre los procesos políticos operados entre los indígenas pampeano-patagónicos. *Revista Española de Antropología Americana*, Madrid, n. 30, p. 335-263, 2000.

MARTINS, M. Cristina Bohn. As missões de pampas e serranos: uma experiência de fronteira na pampa argentina (Século XVIII). *Clio - Revista de Pesquisa Histórica*, n. 30.1, p. 01-17, 2012.

MARTINS, M. Cristina Bohn. Índios independentes, fronteiras coloniais e missões jesuíticas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 123-145, 2018. DOI: <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v10i19.476>.

PAGE, Carlos. El proyecto jesuitico para la exploración y ocupación de las costas patagónicas en el siglo XVIII. *Temas Americanistas*, v. 30, n. 13, p. 23-49, 2013.

POSSAMAI, Paulo C. De núcleo de Povoamento à praça de Guerra: A Colônia do Sacramento de 1735 A 1777. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 23-36, 2010.

POSSAMAI, Paulo C. Los soldados ibéricos en una frontera muy especial: Colonia del Sacramento (Siglo XVIII). *Revista Trefos*, v. 14, p. 53-75, 2016.

SANCHEZ LABRADOR, Jose. *Paraguay Cathólico*. Los indios pampa-puelches-patagones. Buenos Aires: Imprenta de Coxi Hermanos, 1936. [1772].

VASSALLO, Nahuel. Guerra en las fronteras: los bordes meridionales del Imperio Español y la dinámica del conflicto en las décadas centrales del siglo XVIII. *Revista Tefros*, v. 15, n. 1, p. 41-68, 2017.